

CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



CULTURA E SOCIEDADE

DANILA BARBOSA DE CASTILHO
(ORGANIZADORA)



2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Lorena Prestes

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
 Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
 Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
 Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
 Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968 Cultura e sociedade [recurso eletrônico] / Organizadora Danila
 Barbosa de Castilho. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
 Modo de acesso: World Wide Web
 Inclui bibliografia
 ISBN 978-65-86002-01-0
 DOI 10.22533/at.ed.010201402

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Castilho, Danila
 Barbosa de.

CDD 353.70981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

As manifestações culturais são uma das muitas características dos diversos grupos sociais. Assim, as produções cinematográficas, festejos, linguagens e religiosidades constituem-se de suma importância na elaboração de pensamentos críticos, identificações e difusão dos conhecimentos de um grupo.

Tais manifestações são permeadas por conflitos, disputas, percepções e experiências vividas, as quais precisam ser valorizadas em detrimento a imposição de uma cultura global, hegemônica e eurocêntrica. Pois em diversos momentos históricos as manifestações culturais populares foram, e ainda são, muitas vezes silenciadas e por vezes se refletem nos processos educacionais.

Os textos aqui apresentados nos proporcionam reflexões acerca das trajetórias de diferentes sujeitos, e nos motivam a descolonizar a cultura, o imaginário e as identidades.

Danila Barbosa de Castilho

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| “PROJETO BORA?”: UM INTENTO DE INSERÇÃO DA CIDADE DE TUCANO-BA NO TEXTO DO REGIONALISMO NORDESTINO | |
| Marcelo Cerqueira Cesar Filho | |
| DOI 10.22533/at.ed.0102014021 | |
| CAPÍTULO 2 | 12 |
| A ICONOGRAFIA NA PINTURA DE ALBERTO VALENÇA (1890-1983) | |
| Vera Spínola | |
| DOI 10.22533/at.ed.0102014022 | |
| CAPÍTULO 3 | 25 |
| PRODUÇÃO JORNALÍSTICA DE SENTIDOS SOBRE O DOCUMENTÁRIO FEVEREIROS | |
| Gilmar Adolfo Hermes | |
| DOI 10.22533/at.ed.0102014023 | |
| CAPÍTULO 4 | 37 |
| FERNANDO PESSOA ENTRE TRADIÇÃO E CONTEMPORANEIDADE | |
| Rafaela Favarin Somera | |
| DOI 10.22533/at.ed.0102014024 | |
| CAPÍTULO 5 | 51 |
| TEMPORALIDADE: IMAGEM E PODER NA <i>PROPAGANDA FIDE</i> INQUISITORIAL | |
| Geraldo Pieroni | |
| DOI 10.22533/at.ed.0102014025 | |
| CAPÍTULO 6 | 65 |
| TIRANDO O BLOCO DA AVENIDA: A CRISE NOS BLOCOS DE CARNAVAL DE RUA NO RIO DE JANEIRO E EM SALVADOR | |
| Diego Santos Vieira de Jesus | |
| DOI 10.22533/at.ed.0102014026 | |
| CAPÍTULO 7 | 85 |
| O <i>PRESIDENTE NEGRO</i> : EUGENIA EM MONTEIRO LOBATO? | |
| Erick Vinicius Mathias Leite | |
| Sônia Filiú Albuquerque Lima | |
| DOI 10.22533/at.ed.0102014027 | |
| CAPÍTULO 8 | 95 |
| CABILA E IJEXÁ: INTERCONEXÕES ENTRE RITMOS DE DUAS CULTURAS | |
| Adrian Estrela Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.0102014028 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 9 | 105 |
| ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E FAMILIAR CONTRA A MULHER EM ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS | |
| Christianne Rose de Sousa Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.0102014029 | |
| CAPÍTULO 10 | 108 |
| REFLEXÕES SOBRE O MACHISMO NA ETNOGRAFIA DOMÉSTICA DE KARIM AÏNOUZ: O “PATRIARCADO SEM HOMENS” EM SEAMS | |
| Everaldo Asevedo Mattos | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140210 | |
| CAPÍTULO 11 | 121 |
| A PRESENÇA DO RACISMO NA TRAJETÓRIA DE MULHERES NEGRAS NO MUNDO DO TRABALHO: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA | |
| Taíse Dos Anjos Santos | |
| Taynan Alves Filgueiras | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140211 | |
| CAPÍTULO 12 | 142 |
| JOVENS NEGROS NA ESCOLA, DA EXISTÊNCIA AS REEXISTÊNCIAS: REFLEXÕES TEÓRICAS | |
| Maria Valdete Vitoria da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140212 | |
| CAPÍTULO 13 | 152 |
| INFÂNCIA E TECNOLOGIA: PRÁTICAS DE UMA CULTURA DIGITAL | |
| Pedro Almeida Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140213 | |
| CAPÍTULO 14 | 162 |
| DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO | |
| Bianca de Paula Santos | |
| Carmen Lúcia da Silva Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140214 | |
| CAPÍTULO 15 | 174 |
| AQUARIUS: EDIFICANDO O DESCOLONIAL | |
| Jacqueline Gama de Jesus | |
| Ana Lúgia Leite e Aguiar | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140215 | |
| CAPÍTULO 16 | 188 |
| LOBO ANTUNES: UMA VOZ LUSÓFONA QUE REPRESENTA A MEMÓRIA DA GUERRA COLONIAL EM ANGOLA EM TEMPOS PÓS-COLONIAIS | |
| Romilton Batista de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140216 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 17 | 197 |
| 'PORTUGALIDADE' NA(S) LUSOFONIA(S): UM CONTRASSENDO | |
| Vitor de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140217 | |
| CAPÍTULO 18 | 219 |
| DA AUSÊNCIA À PRESENÇA: O EXEMPLO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS - RS | |
| Davi Kiermes Tavares | |
| José Paulo Siefert Brahm | |
| Diego Lemos Ribeiro | |
| Juliane Conceição Primon Serres | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140218 | |
| CAPÍTULO 19 | 234 |
| DESCOBRINDO USPANU | |
| Surama Sulamita Rodrigues de Lemos | |
| Thiago Augusto Oliveira de Souza | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140219 | |
| CAPÍTULO 20 | 239 |
| PERVERSÃO: CONCEITO E CONCEPÇÕES SOBRE A PEDOFILIA | |
| Ivana Suely Bezerra Paiva Mello | |
| Ana Kalline Soares Castor | |
| Leda Maria Maia Rodrigues Carvalho | |
| Mylena Menezes de França | |
| Silvana Barbosa Mendes Lacerda | |
| Daniela Heitzmann Amaral Valentim de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140220 | |
| CAPÍTULO 21 | 253 |
| SUBSÍDIOS TEÓRICOS PARA MENSURAÇÃO DA SEXUALIDADE EM PESQUISAS PSICOMÉTRICAS | |
| Alexandre de Oliveira Marques | |
| José Augusto Evangelho Hernandez | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140221 | |
| CAPÍTULO 22 | 265 |
| A DIVERSIDADE CULTURAL PELO OLHAR KAINGANG | |
| Claudio Luiz Orço | |
| Elizandra Iop | |
| DOI 10.22533/at.ed.01020140222 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 280 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 281 |

DA AUSÊNCIA À PRESENÇA: O EXEMPLO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI, PELOTAS - RS

Data de aceite: 31/01/2020

Data de submissão: 02/11/2019

Davi Kiermes Tavares

Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia da Bahia - IFBA

Eunápolis – BA

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7604783949494367>

José Paulo Siefert Brahm

Universidade Federal de Pelotas – UFPel –
Bolsista CAPES – (Código de financiamento 001)

Pelotas – RS

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2669820918283361>

Diego Lemos Ribeiro

Universidade Federal de Pelotas - UFPel

Pelotas - RS

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4967382276076199>

Juliane Conceição Primon Serres

Universidade Federal de Pelotas – UFPel

Pelotas – RS

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2795821152828459>

RESUMO: Neste artigo discutimos o papel simbólico que pode assumir um objeto dentro do cenário museal, mesmo que em sua ausência material. Para demonstrar a ideia da representação da ausência, será exposto

a trajetória patrimonial do tacho de cobre que fazia parte do acervo do Museu Gruppelli. Museu que está situado na zona rural da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. No transcorrer da argumentação, expressões como espírito e alma dos objetos musealizados serão conceitualizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura material. Alma. Espírito. Museu Gruppelli. Tacho.

FROM ABSENCE TO PRESENCE: THE EXAMPLE OF THE PAN, FROM GRUPPELLI MUSEUM, PELOTAS - RS

ABSTRACT: In this article we discuss the symbolic role than an object can assume within the museal scenario, even in its material absence. To demonstrate the idea of the representation of absence, the heritage trajectory of the copper pot that was part of Gruppelli Museum collection will be exposed. Museum which is situated in the countryside of Pelotas city, Rio Grande do Sul, Brazil. In the course of the argument, expressions such as spirit and soul of musealized objects will be conceptualized.

KEYWORDS: Material culture. Soul. Spirit. Gruppelli Museum. Pan.

1 | INTRODUÇÃO

Neste artigo discutimos o papel simbólico

que pode assumir um objeto dentro do cenário museal, mesmo que em sua ausência material. O objetivo deste breve estudo é lançar luz sobre questões que tangenciam a preservação da cultura material, levando em conta sua complexidade semântica e as múltiplas formas de ativação.

De acordo com o historiador Ulpiano Bezerra de Meneses (1983, p. 113),

A cultura material — têm que ser considerados sob duplo aspecto: como produtos e como vetores de relações sociais. De um lado, eles são o resultado de certas formas específicas e historicamente determináveis de organização dos homens em sociedade (e este nível de realidade está em grande parte presente, como informação, na própria materialidade do artefato). De outro lado, eles canalizam e dão condições a que se produzam e efetivem, em certas direções, as relações sociais.

Para ilustrar a ideia da representação das ausências, traremos como exemplo a trajetória patrimonial do tacho de cobre que fazia parte do acervo do Museu Gruppelli (Figuras 1 e 2).



Figura 1: Tacho em contexto com outros objetos. Fonte: José Paulo Siefert Brahm, 2016.



Figura 2: Tacho. Fonte: José Paulo Siefert Brahm, 2016.

O uso do verbo no passado indica sua condição atual: o objeto foi levado tragicamente da exposição. Vale contar: isso aconteceu porque no dia 26 de março de 2016, a comunidade do Sétimo Distrito de Pelotas foi acometida por uma enchente de proporções inéditas. Casas e comércios da região sofreram enormes perdas. Com o Museu não foi diferente. Parte do acervo foi arrastado pela força da água, se perdeu, ou foi danificado, de forma irreversível. Entre as principais perdas do acervo está o mencionado tacho que estava localizado no cenário da cozinha e a cadeira que ficava no cenário da barbearia.

O cenário museal em questão, o Museu Gruppelli, foi inaugurado no ano de 1998, tendo como estopim a iniciativa da comunidade local que buscava preservar as suas histórias e memórias. O Museu está localizado na zona rural de Pelotas, no que se denomina Colônia Municipal, Sétimo Distrito. Ele se apresenta como “um espaço de exposição e guarda de objetos que traduzem a ‘vida na colônia’, ou seja, as dinâmicas sociais de uma comunidade identificada pelas origens e trajetória imigrante” (FERREIRA; GASTAUD; RIBEIRO, 2013, p. 58, aspas dos autores). O acervo do Museu é constituído de doações, compras e empréstimos feitos por moradores da região, e foi sistematizado inicialmente pelos membros da família Gruppelli, com a ajuda da professora Neiva Vieira e do fotógrafo Neco Tavares. Desde 2008, o Museu conta com o apoio da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), por meio do Curso de Bacharelado em Museologia, que realiza um projeto de extensão denominado “Revitalização do Museu Gruppelli”.

Veremos que, mesmo não estando mais presente fisicamente no espaço museal, sua alma e seu espírito ainda estão presentes. Ou seja, o tacho ainda se encontra vivo simbolicamente no Museu Gruppelli. Essa vitalidade simbólica do patrimônio é efetivada pelo trabalho de memória e pela questão emocional dos diversos públicos

que visitam o espaço museológico.

Neste artigo, além de buscar definir o que entendemos por espírito e alma dos objetos, e sua pertinência ao propósito da argumentação, buscaremos também fazer uma breve análise da trajetória do tacho, de sua chegada ao Museu até sua partida.

O Museu está organizado em seis nichos temáticos, além de contar com uma sala de exposições temporárias. Os nichos são: mercearia, esporte, trabalho específico, trabalho rural, cozinha e vinícola. O acervo é variado e abarca itens como troféus, instrumentos rurais diversos, fotografias, material de barbearia, amassador de uva, barricas de vinho, debulhadores de milho, carroça, pilão, foice, material dentário, dentre outros.

Sobre este universo material gostaríamos de salientar alguns pontos, quais sejam:

1. Os objetos somente fazem sentido quando inseridos em um duplo contexto: quando se entrelaçam com os outros objetos dentro do circuito expográfico e quando amalgamados no próprio sítio (o local), que foi, e por vezes ainda é, cenário de utilização desses objetos.

2. O valor desses objetos não é inerente à materialidade, mas necessariamente externa e intencionalmente ativada pelo Museu; refere-se aqui ao valor associado aos modos de vida rural em suas multifacetadas dinâmicas. Em outros termos, os objetos funcionam como (pre)textos para narrar histórias de vida, e cuja semântica não está encerrada na objetividade material dos objetos. Contudo, apesar da externalidade do valor e da natureza simbólica que é negociada, o Museu tem estima e assume as responsabilidades por esses objetos que salvaguarda e comunica.

3. Apesar da maioria desses objetos serem encontradas em grandes quantidades nas casas e galpões dos moradores da região, cada um deles possui sua própria história. Em outros termos, mesmo que duas carroças sejam iguais fisicamente, elas jamais possuem a mesma trajetória de vida.

Este artigo resulta de pesquisas realizadas no Museu nos anos de 2016-2017. Para atingir o objetivo deste trabalho, fizemos uso de observação e, sobretudo, de entrevista. Realizamos entrevistas com membros da família Gruppelli e com alguns visitantes do Museu para compreendermos a relação desses com o tacho. Duarte (2002), baseada em Brandão (2000), diz que a entrevista é um trabalho que exige atenção permanente do pesquisador aos seus objetivos, estando sempre à escuta de tudo que é falado pelo entrevistado. A autora menciona, ainda, que devem ser levados em consideração os tons, ritmos e expressões gestuais que acompanham, ou mesmo, substituem essa fala e isso exige tempo e esforço (DUARTE, 2002, p. 146).

2 | O ESPÍRITO E A ALMA DOS OBJETOS MUSEALIZADOS

Os objetos, ao fazerem parte dos museus, têm a sua função utilitária esmaecida e lhe são atribuídos, ao atravessarem o processo de musealização, uma nova função,

agora, simbólica e representacional. São considerados documentos, representações da realidade. Os objetos musealizados, além disso, são considerados como mediadores de um espírito e uma alma.

Em relação ao espírito dos objetos de museus, podemos relacionar ao pensamento trazido, ainda no século XIX, por John Ruskin (2008 [1880]), ao se referir às edificações a serem preservadas, não pela sua importância material, mas, especialmente, imaterial. O autor afirma que “é preferível a uma obra mais rude que conta uma história e registra um fato, do que a mais rica sem significados” (RUSKIN, 2008, p. 63). Para ele, as edificações “conectam períodos esquecidos e sucessivos uns aos outros, e constituem, em parte, a identidade, por concentrar a afinidade, das nações” (RUSKIN, 2008 [1880], p. 68). Sinaliza também para o fato que a importância de um objeto imóvel, no caso das edificações, não está em suas pedras, mas em sua espiritualidade, nas diversas significações que trazem consigo ao servirem como evocadores de memórias e de consolidarem identidade (RUSKIN, 2008 [1880]). Por isso, antes de preservar qualquer objeto é preciso conhecê-lo em todos os seus detalhes, seja sua forma, função, estrutura, bem como, sua história e trajetória.

Em última análise, as agências de preservação não deveriam se ocupar apenas da coisa em si, mas, sobretudo endereçar esforços para dinamizar a imagem projetada sobre essas materialidades. O que nos permite dizer que esses objetos são, em termo, potências criativas, reminiscências mnemônicas que são atualizadas na relação museal sujeito-objeto. O que se preserva, portanto, não é somente sua dimensão material, mas, especialmente, o espectro, a invisibilidade e o imaginado.

O conceito de espírito dos bens patrimoniais e dos lugares é trazido, ainda, pela Declaração de Québec de 2008, sobre a preservação do “*spiritu loci*” ou “espírito do lugar”. Essa convenção teve por objetivo a preservação e difusão do valor espiritual dos espaços, como dos patrimônios, tangíveis e intangíveis que os compõem.

Mas, o que seria o espírito dos lugares? Segundo essa declaração, ele pode ser definido do seguinte modo:

O espírito do lugar é definido como os elementos tangíveis (edifícios, sítios, paisagens, rotas, objetos) e intangíveis (memórias, narrativas, documentos escritos, rituais, festivais, conhecimento tradicional, valores, texturas, cores, odores, etc.) isto é, os elementos físicos e espirituais que dão sentido, **emoção** e mistério ao lugar (QUÉBÉC, 2008, destaque nosso).

Ainda, para a Declaração de Québec, o espírito do lugar é construído por inúmeros atores sociais, os quais se complementam na relação com os sujeitos. Possibilita que o espírito do lugar adquira um caráter dinâmico e plural, estando submetido a transformações, no decorrer do tempo, pelos diversos grupos sociais aos quais pertencem.

Entendemos, aqui, que, para a referida Convenção, o espírito do lugar não estaria ou emanaria efetivamente do espaço, ou do patrimônio que integra, mas seria uma construção social dos sujeitos:

O espírito do lugar oferece uma compreensão mais abrangente do caráter vivo e,

ao mesmo tempo, permanente de monumentos, sítios e paisagens culturais. Supre uma visão rica, mais dinâmica e abrangente do patrimônio cultural. **O espírito do lugar existe, de uma forma ou de outra em praticamente todas as culturas do mundo e é construído por seres humanos em resposta às suas necessidades sociais.** As comunidades que habitam o lugar, especialmente quando se trata de sociedades tradicionais, deveriam estar intimamente associadas à proteção de sua memória, vitalidade, continuidade e espiritualidade (QUEBÉC, 2008, negrito nosso).

Podemos relacionar essa ideia de espírito ao conceito de semióforo, uma vez que os objetos musealizados têm o potencial de conectar o visível ao invisível. Esse conceito é sistematizado pelo historiador Krzysztof Pomian (1997). Para ele, seria semióforo o objeto que “tem apenas o significado de que é o vector (sic) sem ter a mínima utilidade” (1997, p. 72). Serve como intermediário entre o mundo visível e invisível. Possibilita que os sujeitos criem conexões com mundos, tempos, lugares, locais, culturas e pessoas próximas e distintas, que acabam se presentificando simbolicamente por meio da percepção (POMIAN, 1997).

Já o conceito de alma é sistematizado pelo geógrafo brasileiro Eduardo Yázigi (2001), em seu livro *A alma do lugar*, quando expõe:

O que fica de melhor de um lugar e que por isso transcende o tempo – mas não existe sem um corpo. Alma são materialidades, práticas e representações com uma aura que se contrapõem ao que chamaríamos “desalmados”. Não creio que possa ser entendida por processos lógicos. Há alma quando **há paixão** correspondida das gentes com o lugar (YÁZIGI, 2001, p. 24, aspas do autor, negrito nosso).

Ele complementa dizendo que a alma do lugar seria uma criação do sujeito. O “homem apaixonado pelo meio cria a alma do lugar” (YÁZIGI, 2001, p. 45). Firmados nisso, podemos entender, então, que a alma não estaria ou emanaria dos lugares, mas, se complementaria na relação com o sujeito, como aponta o autor: “a alma do lugar seria feita de homens com coisas” (YÁZIGI, 2001, p. 25). Pensamento similar é trazido por Gonçalves, Guimarães e Bitar (2013) ao dizerem que a alma dos objetos é uma atribuição dos sujeitos, não emanando desses. Para os autores, os objetos são detentores de uma alma e espírito que se complementam na relação entre os sujeitos, a partir de suas percepções:

É preciso também não esquecer que, enquanto portadora de uma “alma”, de um “espírito”, as coisas não existem isoladamente, como se fossem entidades autônomas; elas existem efetivamente como parte de uma vasta e complexa rede de relações sociais e cósmicas, nas quais desempenham funções mediadoras fundamentais entre a natureza e cultura, deuses e seres humanos, mortos e vivos, passado e presente, cosmos e sociedade, corpo e alma, etc. Essa possibilidade nunca desapareceu completamente de nosso horizonte moderno (GONÇALVES; GUIMARÃES; BITAR, 2013, p. 8, aspas dos autores).

Nessa interação entre sujeito, objeto, lugar e memória, Silveira e Lima Filho (2005) complementam:

É nesse sentido que é possível falar numa memória que impregna e restitui “**a alma nas coisas**”, referida a uma paisagem (inter)subjetiva onde o objeto (re)situa o sujeito no mundo vivido mediante o trabalho da memória, ou ainda, é da força e dinâmica da memória coletiva que o objeto, enquanto expressão da materialidade da cultura de um grupo social, remete à elasticidade da memória como forma de fortalecer os vínculos com o lugar, considerando as tensões próprias do esquecimento (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 39, aspas dos autores, negrito

nosso).

Mas, por esses vieses, o que, efetivamente, podemos entender como espírito e alma dos objetos musealizados? Como visto acima, há divergências entre os autores supracitados sobre ambas as conceituações. Entendemos, aqui, que a alma não emana dos objetos, mas é uma atribuição do sujeito, assim como os significados e valores que se complementam na sua relação com os objetos.

Então, seria correto pensar que o espírito dos objetos também é uma atribuição dos sujeitos? Podemos dizer que sim. Ambos, na verdade, são atribuições do sujeito no presente, que se complementa na sua relação museal com os objetos. Entretanto, apesar das semelhanças entre as duas, podemos apontar diferenças. Isso, nos leva, então, a distinguir tais conceituações.

Considerando essas tensões, o que, efetivamente, podemos pensar como o espírito e a alma do objeto?

O **espírito do objeto** é entendido aqui como uma construção e/ou atribuição feita pelo sujeito, não emana do objeto, mas se complementa na relação museal que se estabelece entre ambos. É alusiva à sua singularidade, autenticidade, originalidade, referente à sua trajetória de vida, história e informações que trazem consigo. Os objetos são guardiões e senhores do tempo, da história e da memória. (Ver figura 3).



Figura 3: Definição do espírito dos objetos musealizados. Fonte: Elaborado pelos autores.

A **alma do objeto** é compreendida, nesta argumentação, como sendo uma construção e/ou atribuição feita pelo sujeito, não emana ou está no objeto, mas se complementa na relação museal que se estabelece entre ambos. A alma é referente

aos bens patrimoniais tangíveis e intangíveis que ajudam o sujeito, a partir de suas percepções museais, na afloração e construção de memórias, na construção e afirmação de identidades e na ativação de emoções. (Ver figura 4).

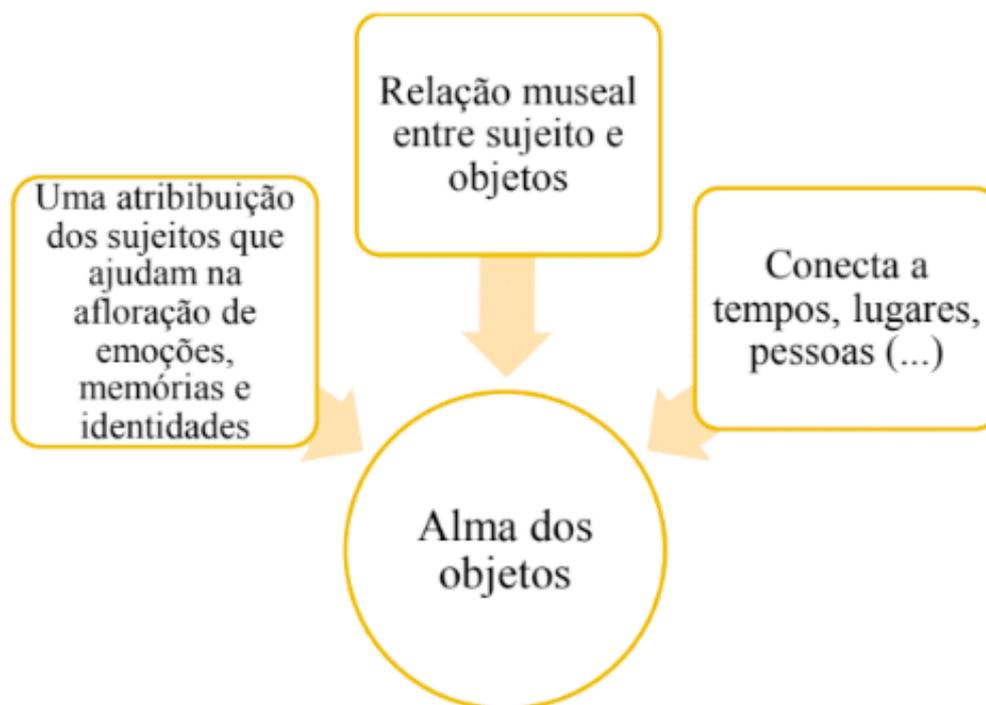


Figura 4: Definição da alma dos objetos musealizados. Fonte: Elaborado pelos autores.

3 | O CASO DO TACHO DO MUSEU GRUPPELLI

A biografia do tacho em questão é enigmática, e não é reduzida a uma única versão. Na ausência de qualquer documentação que comprove sua chegada ao Museu, registramos aqui a epopeia narrada por um dos principais agenciadores do lugar, Ricardo Gruppelli. Sua história iniciaria quando teria aparecido nas redondezas do restaurante Gruppelli, em um dia de chuva. Ele (o tacho) teria sido trazido pelas águas de uma correnteza forte e salvo por um membro da família Gruppelli. Foi utilizado, por muito tempo, para o fim ao qual foi inicialmente projetado: fazer doces.

Em dado momento, um dos membros da família conseguiu enxergar um valor que sobrepujava a matéria, atribuindo-o um valor emotivo (leia-se musealidade). A fronteira, nem sempre muito clara, que separa o uso utilitário e simbólico, foi transposta e o tacho foi deslocando-se, física e semanticamente, para seu novo lugar: o Museu Gruppelli. Esse trânsito não deve ser observado somente pelo aspecto físico e espacial, sob a pena de reduzir seu potencial simbólico. É mais produtivo imaginar esse deslocamento como um câmbio de sentidos; como um processo singularizador do artefato em questão. O objeto que estava no limbo, entre o uso e o símbolo, ultrapassa uma fronteira imaginária que o projeta, com distinta ênfase, para um cenário encantado

(no sentido de ser provocador, de pôr à frente, de provocar a imaginação). Nesse contexto, o sentido de objeto é entendido neste artigo como sendo aquele que é um gerador de sentidos (memória, imaginação, emoção).

Como já mencionado, na enchente de 2016, muitos objetos que faziam parte do acervo do Museu se perderam, entre eles está o tacho de cobre. Ou seja: por coincidência do destino, o tacho veio e foi levado por uma enchente. Após o Museu se reerguer, processo que levou em torno de dois meses, e que contou com a ajuda de muitas pessoas, entre elas membros da família Gruppelli, da comunidade e de professores e alunos dos cursos de Museologia e Conservação e Restauro da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), elaboramos uma exposição temporária intitulada “a vida efêmera dos objetos: um olhar pós-enchente.” A exposição foi concebida com a intenção de chocar o público. Buscamos despertar-lhe um sentimento de angústia, tristeza, dor, em relação à perda dos objetos.

Essas reações por parte do público em relação à exposição foram diversas vezes observadas por nós, bem como, relatada pelos mesmos em diversas entrevistas. Muitas deles se emocionaram com a história do tacho, mesmo que só o tenha visto representado por fotos, vídeos e pelo estímulo dos mediadores.

É importante ainda ponderar que ao visitarem o Museu algumas pessoas, por meio da relação museal (sujeito-objeto), subsidiado pelo trabalho da memória, sentem falta do tacho no seu antigo local, algumas, inclusive, que nunca chegaram a vê-lo em exposição. Lembram com tristeza e saudosismo do objeto, mesmo aqueles que não tiveram qualquer experiência vivida com ele, e cuja memória tenha sido tomada de empréstimo. São memórias consideradas “vivas por tabela” (POLLAK, 1992). Neste caso, é o ausente que convoca a presença. Fenômeno que contraria o próprio conceito de semióforo, já visto anteriormente neste artigo, sistematizado por Pomian (1997) no qual a presença (materialidades) conectaria a ausência (campo simbólico). Ou seja, nesse caso o tacho permanece vivo simbolicamente mesmo sem estar presente fisicamente.

É oportuno destacar ainda, que os objetos funcionam em harmonia, ou em redes, com outros. Muitas vezes as narrativas de outros objetos foram responsáveis por ajudarem no afloramento de memórias e emoções dos visitantes em relação ao tacho. Ideia que podemos ancorar na teoria Ator-Rede (TAR) do antropólogo francês Bruno Latour (2012). Para o referido autor, os objetos podem estar imersos em uma rede de significações, inter-relações, onde humanos e não-humanos estão conectados, reciprocamente, de maneira horizontal. A partir desse ponto de vista, para Latour (2012), os não-humanos, em outros termos, os objetos não devem ser considerados intermediários da relação com os humanos, mas, mediadores dessa relação.

Para Marcus Dohmann (2013), os objetos

[...] atuam como uma chave mestra das relações sociais espelhando seu reflexo na própria sociedade contemporânea. Desta forma, pode-se dizer que existe, sem dúvida, “uma alma nas coisas”, remetendo a paisagens, subjetivas, onde encontramos os sujeitos (re) situados pelos objetos, mediante os aspectos

memoriais que as coisas encerram enquanto expressão da materialidade de uma cultura em determinados grupos sociais, em razão do fortalecimento das suas raízes e vínculos com o espaço em que situam (DOHMANN, 2013, p. 34, aspas do autor).

O que importa considerar aqui, em síntese, é a possibilidade de preservação da cultura material mesmo que sua materialidade seja ausente. Em outras palavras, é a possibilidade de se buscar preservar a alma e o espírito do tacho mesmo quando seu corpo não existe mais. Quando o Museu ajuda a preservar e divulgar sua alma e espírito, abre a possibilidade de mantê-lo vivo simbolicamente por intermédio do trabalho de memória e pela questão emocional dos diferentes públicos.

Isso não implica dizer, contudo, que a materialidade é desnecessária; buscamos com este exemplo refletir sobre processos de preservação que transcendam as materialidades, sem perdê-la de vista, e passem a atentar para as dinâmicas externas ao artefato – memórias, narrativas, emoções, histórias, identidades, potencialidades representacionais etc. Outra questão essencial a considerar é o fato que a representação, a imagem projetada sobre o artefato, neste caso, pode ser mais impactante em sua ausência física do que sobre sua presença em si. Leva-nos a discutir se o tacho não teria sua imagem mais pujante quando explicitada sua trágica perda, mais do que pelo conforto nada ameaçador de sua presença.

Em meados de 2017 o Museu adquiriu um novo tacho para substituir a materialidade do anterior (Figuras 5 e 6). De acordo com Ricardo Gruppelli, o novo tacho pertencia a um morador residente na colônia da cidade de Pelotas, e foi trocado por uma porca (animal).



Figura 5: Novo tacho em exposição. Fonte: José Paulo Brahm, 2019.



Figura 6: Novo tacho em exposição. Fonte: José Paulo Brahm, 2019.

A intenção desse novo tacho, juntamente com o anterior (que continua representado no espaço museológico por meio de fotografias e vídeos), é reforçar as memórias, emoções e identidades dos visitantes, além de representar à culinária e os modos de vida dos moradores da zona rural de Pelotas. Porém, é importante destacar que embora os dois tachos sejam semelhantes fisicamente, ambos possuem histórias distintas. Em outras palavras, cada objeto possui uma biografia própria, única, e, portanto, insubstituível. Por esse ângulo, é válido dizer ainda que os objetos, assim como as pessoas, também possuem uma história, uma biografia (um espírito), como nos diz Appadurai (2006, p. 15 – tradução nossa):

Eu tenho me engajado continuamente com a ideia de que pessoas e coisas não são categorias radicalmente distintas, e que as trajetórias que cercam as coisas são investidas com as propriedades das relações sociais. Assim, o presente de hoje é a mercadoria de amanhã. A mercadoria de ontem é um objeto de arte descoberto amanhã. O objeto de arte de hoje é a velharia de amanhã. E a velharia de ontem é a relíquia de família de amanhã.

E no sentido abaixo esposado por Miranda (2012, p. 76), com base em Bonnot (2002):

As coisas, como as pessoas, possuem vidas sociais, que, no caso daquelas, começam como simples mercadoria, destinada a circulação, passando depois por sucessivas singularizações, que, esvaziando-as de sua funcionalidade, as transformam, primeiramente, em objetos de conservação, posteriormente em objetos de colecionamento e, em certos casos até, de patrimonialização.

Os objetos que fazem parte dos museus, ao ganharem uma “segunda vida” (DEBARY, 2010), não cessam suas histórias, pelo contrário, elas continuam. Nos museus suas biografias permanecem sendo acrescidas e alimentadas pelo processo de musealização. São lhes atribuídos o status de documento, e são responsáveis por ajudarem as pessoas através da ativação de suas percepções museais, na afloração de emoções e na afirmação de memórias e identidades. Destacamos ainda, que o foco deste artigo é a “musealização do ausente” (RIBEIRO; BRAHM, TAVARES, 2018) em que estamos valorizando, preservando, difundindo e transmitindo memórias, histórias e identidades e possibilitando o afloramento de diversas emoções que é fruto da relação museal travada entre sujeito-objeto.

Prova disso está na festa realizada em novembro de 2018 para comemorar os 20 anos de inauguração do Museu Gruppelli. Neste dia, o novo tacho de cobre do Museu foi usado para a feitura do doce de melancia de porco. O novo tacho não deixou de ter a função híbrida do anterior. Ou seja, ele é museália (objeto de museu) e também pode voltar a sua função utilitária. O novo tacho continua tendo novas histórias incorporadas a sua trajetória de vida. Nesse momento estimamos que não estamos destruindo o patrimônio, mas sim, garantindo sua vitalidade, uma vez que ele encontra apropriação social. Em outros termos, podemos dizer que o tacho de cobre vive, respira. Os objetos não existem isoladamente, eles ganham vitalidade na relação museal travada com as pessoas. Eles vivem nas dinâmicas sociais, nas teias sociais (leia-se cotidiano). No momento do preparo desse doce, o tacho e a doceira se tornam um só. Nesse caso isolar o tacho dessas dinâmicas sociais seria como na verdade, decretar sua segunda morte (como objeto utilitário e como museália) fazendo com que caíssemos numa ilusória ideia de preservação (Figuras 7 e 8).



Figura 7: Preparo da feitura do doce de melancia de porco no novo tacho. Fonte: José Paulo Brahm, 2018.



Figura 8: Preparo da feitura do doce de melancia de porco no novo tacho. Fonte: José Paulo Brahm, 2018.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na exposição acima, vimos que os objetos, assim como as pessoas, possuem uma

história e uma biografia única (entenda-se por espírito dos objetos). São responsáveis (mesmo que seu corpo não existe mais) por nos ajudar a preservar nossas histórias, memórias e identidades e a aflorar emoções. Ajudam a narrar quem fomos, somos e seremos (leia-se alma dos objetos).

A partir do exemplo aqui tratado propusemos uma forma de estímulo à memória por intermédio do vazio material, pela ausência do tacho (ele está representado no Museu somente por meio de fotos, vídeos). Ausência esta que é relativizada em razão dos objetos funcionarem em harmonia, ou em redes, com outros. Ou seja, observamos muitas vezes que as narrativas de outros objetos foram responsáveis por ajudarem no afloramento de memórias e emoções dos visitantes em relação ao tacho.

Por esse ângulo, destacamos a argumentação inicial deste artigo quando afirmamos que os objetos somente fazem sentido quando inseridos em um duplo contexto: quando se conectam com os outros objetos dentro do circuito expográfico e quando amalgamados no próprio sítio (o local), que foi, e por vezes ainda é, cenário de utilização desses objetos.

O exemplo do tacho faz refletir sobre algo que à primeira vista passa-nos despercebido quando trabalhamos com a cultura material: o fato de acreditarmos que as memórias estão nos objetos. Neste exemplo fica claro o fato de que apesar dos sujeitos fixarem memórias nos objetos, elas não estão neles. As memórias estão nos sujeitos. O trabalho de memória dos sujeitos é responsável por manter vivo simbolicamente o tacho. O trabalho de memória também é estimulado pela relação que os sujeitos travam com outros objetos expostos. Vemos então, que a continuidade do trabalho de memória e o afloramento das emoções dos sujeitos no presente e no futuro serão determinantes para manter vivo o espírito e a alma do tacho.

Este trabalho também, pretendeu lançar luz sobre a necessidade de criar formas de preservação que transcendam a materialidade e adentrem o invisível. Por esta mirada, marca-se a posição que, junto à preservação das materialidades, é necessário considerar todo o universo simbólico que subjaz os objetos. E mais do que investir de significados, faz-se *mister* ativar as potencialidades memoriais dos objetos, de modo que as pessoas consigam enxergar o espírito e a alma dos objetos. Embora consideremos aqui as materialidades como médiuns, no sentido de exercerem o papel de mediadores das memórias, estimamos que o espectro memorial e emocional não depende somente da materialidade. Defendemos a ideia de que a ativação da percepção museal do público, para que eles compreendam todo o potencial simbólico da cultura material, pode ter como indutor a comunicação museológica.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. The thing itself. **Public Culture**. v. 18, n. 1, p. 15-21, 2006.

DEBARY, Octave. Segunda Mão e Segunda Vida: objetos, lembranças e fotografias. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 2, n. 3, p. 27- 45. Ago.-nov. 2010.

DECLARAÇÃO DE QUÉBEC: Sobre a preservação do “*Spiritu loci*.” Assumido em Québec, Canadá, em 4 de outubro de 2008. Disponível em: http://www.icomos.org/quebec2008/quebec_declaration/pdf/GA16_Quebec_Declaration_Final_PT.pdf. Acesso em 26 nov. 2018.

DOHMANN, Marcus. A experiência material: a cultura do objeto. **A experiência material: a cultura do objeto**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2013.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa; reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa** n.115, p. 139-154, 2002.

FERREIRA, Maria Leticia; GASTAUD, Carla; RIBEIRO, Diego Lemos. Memória e emoção patrimonial: Objetos e vozes num museu rural. **Museologia e Patrimônio**, v. 6, p. 57-74, 2013.

GONÇALVES, José Reginaldo; GUIMARÃES, Roberta; BITAR, Nina. **A Alma das Coisas: patrimônios, materialidades e ressonâncias**. Rio de Janeiro: Mauad X, Faperj, 2013.

LATOURET, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-rede**. Salvador: Edufba, 2012, São Paulo: Edusc, 2012.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, n. 115, p. 103-117, 1983.

MIRANDA, Victorino Chermont de. O problema da nostalgia nas coleções de porcelanas históricas. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano (Org.). **Coleção e Colecionadores: a polissemia das práticas**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012, p. 74-85.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro v.5, n. 10, 1992.
POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: VV. AA. **Enciclopédia Einaudi 1: Memória- História**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997. p. 51-86.

RIBEIRO, Diego Lemos; BRAHM, José Paulo Siefert; TAVARES, Davi Kiermes. A musealização do ausente em um museu rural: do patrimônio visível ao sensível. In: FRANÇA, Hilda Jaqueline de; SCHIAVON, Carmem G. Burgert; GASTAUD, Carla Rodrigues (Orgs.). **Patrimônio no Plural: práticas e perspectivas investigativas**. Porto Alegre: Selbach & Autores Associados, 2018, p. 127-150.

RUSKIN, John. **A Lâmpada da memória**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma nas coisas” e a coisificação do objeto. **Horizonte Antropológico**, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 37-50, jan/jun 2005.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alberto Valença 12, 13, 16, 17, 20, 22, 23, 24

Alma 19, 37, 39, 43, 44, 45, 47, 48, 177, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 278

Aluno 13, 142, 144, 145, 165, 167, 171

América Latina 88, 97, 109, 174, 175, 176

Aquarius 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187

Audiovisual 1, 2, 4, 10, 109, 110, 112, 117, 179

B

Bahia 1, 2, 3, 4, 5, 10, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 31, 67, 75, 76, 80, 83, 84, 93, 95, 97, 99, 104, 107, 121, 142, 144, 152, 154, 157, 161, 174, 188, 189, 217, 219

C

Carnaval 33, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 100

Carnaval de Rua 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84

Clave 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104

Critérios amostrais 253

Cultura material 164, 219, 220, 228, 232, 233, 275

Cyber-infância 152, 153, 154, 155, 156, 157, 161

D

Descolonial 174, 175, 176, 179, 182, 183

E

Economia criativa 65

Educação especial 162, 163, 165, 167, 170

Educação inclusiva 162, 165, 167, 168, 172

Espírito 42, 48, 88, 190, 204, 206, 208, 209, 211, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 228, 229, 232, 266

Eugenia 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93

F

Fernando Pessoa 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

G

Guerra Colonial 188, 189, 193, 195, 204

I

Identidade 1, 3, 9, 11, 17, 37, 38, 40, 42, 45, 72, 78, 91, 92, 104, 110, 115, 126, 127, 128, 129, 130, 136, 140, 141, 145, 146, 147, 150, 175, 181, 183, 191, 192, 195, 212, 213, 223, 233, 235, 237, 245, 256, 257, 259, 260, 261, 268, 276

Inclusão 9, 32, 41, 139, 145, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173

Infância virtual 152, 153, 155, 161

J

Jovens negros 142, 147, 149

L

Legislação educacional 162

Literatura 4, 30, 31, 32, 37, 38, 39, 40, 48, 49, 85, 88, 89, 93, 108, 144, 151, 174, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 260, 261

Literatura Brasileira 85, 174

M

Mito 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 57, 83, 201, 202, 207, 209, 210, 212

Museu Gruppelli 219, 220, 221, 226, 230

Música Afro-Brasileira 95, 97, 98

N

Necessidades especiais 162, 165, 166, 167, 168, 170, 171

O

Orientação sexual 118, 253, 254, 255, 256, 257, 260

P

Pintura Iconográfica 12

Práticas lúdicas 152, 153, 154, 156, 158, 160, 161

Psicometria 253, 255

R

Racismo 85, 86, 92, 93, 121, 122, 123, 124, 126, 128, 133, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 145, 146, 147, 150, 193

Regionalismo 1, 2, 8, 9

Relação étnico-racial 142

Relações étnico-raciais 85, 86, 151

Religião 31, 37, 42, 45, 46, 48, 49, 104, 137, 268, 270, 271, 273, 274, 276, 277

Representação 1, 16, 19, 30, 39, 40, 45, 48, 53, 59, 63, 68, 83, 86, 99, 100, 101, 102, 117, 127, 129, 144, 151, 175, 181, 188, 189, 190, 191, 195, 219, 220, 228, 269

Rio de Janeiro 10, 12, 13, 14, 18, 19, 20, 24, 35, 49, 50, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 86, 90, 112, 119, 140, 141, 161, 162, 170, 173, 183, 188, 195, 204, 233, 238, 250, 251, 253, 261, 278, 279

Ritmo Cabila 95

Ritmo Ijexá 95, 96, 100, 101

S

Salvador 3, 11, 12, 13, 15, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 43, 65, 66, 67, 69, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 93, 95, 96, 97, 100, 104, 108, 121, 122, 123, 124, 125, 135, 139, 140, 141, 151, 152, 154, 157, 161, 208, 233

Sebastianismo 37, 38, 40, 45, 46, 47, 48, 49

Sertão 1, 2, 3, 4, 8, 9

T

Tacho 219, 220, 221, 222, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232

Trauma 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195

V

Violência 81, 105, 106, 107, 128, 139, 142, 144, 148, 149, 155, 160, 161, 179, 181, 192, 196, 206, 244, 246, 250, 252, 274

 **Atena**
Editora

2 0 2 0